

## DE RAÇA EM RAÇA – TODOS HUMANOS – DESMISTIFICANDO O RACISMO

### FROM RACE TO RACE – ALL HUMANS – DEMISTFYING RACISM

Aline Stadler Saad<sup>1</sup>  
Ibrahim Kleber Saad Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Procuramos através deste trabalho desmistificar o racismo, apresentando informações científicas e culturais para confirmar que todos temos uma única raça – humana. Faremos uma breve explanação sob uma ótica religiosa, biológica e ainda antropológica para mostrar que a definição de racismo, foi algo criado para dividir e hierarquizar as civilizações, principalmente de forma política, para manipulação em massa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo. Raça. Preconceito.

**ABSTRACT:** Trough this work, we seek to demystify racism, clearly presenting scientific and cultural information to confirm that we all have a single race – human. We'll make a brief explanation from religious, biological and even anthropological perspective to show that the definition of racism was something created to divide and hierarchize civilizations, in a political way, for mass manipulation.

**KEYWORDS:** Racism. Race. Preconception.

### INTRODUÇÃO

O objetivo principal desse trabalho é apresentar que o racismo foi uma “cultura” criada por brancos, na grande maioria, homens, com o intuito de apresentar a sua própria versão da história e, assim, monopolizar a sociedade através da apresentação de estudos e demais casos com informações deturpadas de que existe a diferenciação das pessoas em decorrência de uma raça – por eles determinadas, como a branca sendo superior. Porém, a nossa apresentação defende que, independentemente da cor da pele ou cultura de um país, todos somos da mesma raça – Humana.

Para isso, apresentaremos ao decorrer das próximas páginas, o racismo sob algumas óticas, comprovando que o mesmo só foi criado com o objetivo de dividir as sociedades para que o capitalismo fosse difundido de forma mais rápida e mais eficiente, deste modo também trazendo o conceito de escravos para se beneficiarem de mão de obra barata e silenciosa em sua grande maioria. Lembramos ainda que, a ideia de segregação, ou ainda de que determinada raça seria inferior, foi “criada” pelos europeus, e aqui, podemos citar um fato histórico muito relevante que é o Tratado de Berlin, concluído em 13 de julho de 1878, onde, de forma clara, quiseram expandir suas novas ideias e, como afirma Walter Rodney em *Como a Europa subdesenvolveu a África*, submeteu países africanos que, antes da colonização, eram desenvolvidos e livres, e também possuíam condições para sustentar o seu modo de vida.

Para fazer uma análise biológica da questão da diferenciação de raças, apresentamos uma entrevista feita com o Dr. Paulo Cesar Zimmermann Felchner (anexada ao trabalho), onde ele, como médico, confirma que, biologicamente não existe diferença entre as pessoas pela classificação das etnias.

Consideraremos ainda aspectos psicológicos, antropológicos e religiosos, para constataremos

1 Graduada em Tecnologia em Marketing pela Universidade Pitágoras do Paraná - Unopar . Especialista em Ética e Direitos Humanos pela Faculdade Vicentina. Contato: e-mail alinesgg@gmail.com

2 Graduado em Tecnologia em Gestão Comercial pela Faculdade Opet. Especialista em Ética e Direitos Humanos pela Faculdade Vicentina. Contato: e-mail ibra.kleber@gmail.com

que a diferença da etnia de cada pessoa, não determina uma inferioridade ou superioridade em relação a outra pessoa por decorrência de sua “raça”.

De forma alguma estamos tentando elaborar um discurso de igualdade racial, pois entendemos que todos somos iguais em nossas completas diferenças. Diferenças essas que não nos tornam melhores ou piores do que alguém, mas apenas diferentes.

Silvio Almeida nos ajuda a entender a definição de raça quando diz em seu livro *Racismo Estrutural*:

... raça é um conceito cujo significado só pode ser recolhido em perspectiva relacional. Ou seja, raça não é uma fantasmagoria, um delírio ou uma criação da cabeça de pessoas mal-intencionadas. É uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos. (2019, pág. 52)

O problema principal a ser trabalhado é a questão de que algo que foi criado com o principal objetivo econômico, passou a se transformar em fundamento cultural e psicológico, a ponto de as pessoas estarem dispostas a matar uma às outras por esses conceitos. Com isso, gostaríamos de elaborar uma ideia de como podemos desassociar que a diferença entre a cor da pele ou a cultura de uma pessoa nos torna diferentes, mesmo possuindo todos uma mesma raça humana.

## 1 RACISMO SOB A ÓTICA DA RELIGIÃO

Jessé Souza fala sobre a “piedade cristã” em seu livro *A ralé Brasileira* quando diz:

Quando Jesus Cristo diz que a pobreza é uma virtude em si e símbolo de boa ventura, ele está radicalizando e universalizando uma concepção moral do mundo já com raízes na sua socialização judaica. A “teodiceia do oprimido” vem substituir a antes dominante “teodiceia da riqueza”, destinada a legitimar os privilégios dos mais ricos e felizes. Como existem muito mais pobres e infelizes no mundo que ricos e felizes, a teodiceia do oprimido abre, com essa revolução moral, um espaço muito maior para a ação do trabalho e da esfera religiosa. Como a penetração de valores religiosos é imensa por se realizar de modo afetivo e dizer respeito aos nossos medos e anseios mais fundamentais, toda a cultura aparentemente apenas secular é, pelo menos no Ocidente, fortemente influenciada pela moralidade religiosa. Assim, quando os “politicamente corretos” idealizam os oprimidos como a imagem da virtude, eles estão, na verdade, se aproveitando, parasitariamente, do enorme prestígio da imagem religiosa dominante que define a “bondade” e a “caridade” cristã. (2020, pág. 104)

Sob a ótica da Religiosidade, a classificação das pessoas por etnia não basta, pelo princípio de que todos tivemos o mesmo início e teremos o mesmo fim.

Se tivermos como base as religiões cristãs, entenderemos que Deus foi o criador de tudo e, após dar vida à Adão e Eva, esses se difundiram pelo mundo gerando a todos os humanos que hoje existem.

Bem como, se imaginarmos o fim desta humanidade, todos os cristãos entendem que “do

pó viemos e ao pó voltaremos” aonde após o juízo final, poderemos viver plenamente no Paraíso caso consigamos nos desprender da vida mundana.

Na Bíblia Sagrada, em Gálatas 3:28 vemos a seguinte frase:

Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.

Yuval Harari afirma na página 193 e 194 do seu livro *Sapiens - Uma breve história da humanidade*, o seguinte:

Mas as pessoas não gostam de dizer que mantêm escravos de uma certa raça ou origem simplesmente porque é conveniente em termos econômicos. Como os conquistadores arianos na Índia, os europeus brancos nas Américas não queriam ser vistos apenas como bem-sucedidos economicamente, mas também como piedosos, justos e objetivos. Mitos religiosos e científicos foram utilizados para ajudar a justificar essa divisão. Teólogos afirmaram que os africanos descendiam de Cam, filho de Noé amaldiçoado por seu pai, que disse que seus filhos seriam escravos.

... Mas, mesmo que os escravos tenham sido libertados, os mitos racistas que justificaram a escravidão persistiram. A separação das raças foi mantida por legislação e normas sociais racistas. (2020, págs. 193 e 194)

Já se compararmos outras filosofias de vida, como o Budismo ou os Animistas, entende-se que tudo e todos viemos da mesma “energia vital”. Energia esta que, está viva em todos os seres, independentes de serem humanos ou não.

Dalai Lama escreveu algo que vale a pena lembrarmos (LAMA, D. Path To Tranquility. New Delhi: Penguin Books India, 1998. Tradução livre da mensagem no dia 29 de Outubro):

Se existe amor, há também esperança de existirem verdadeiras famílias, verdadeira fraternidade, verdadeira igualdade e verdadeira paz. Se não há mais amor dentro de você, se você continua a ver os outros como inimigos, não importa o conhecimento ou o nível de instrução que você tenha, não importa o progresso material que você alcance, só haverá sofrimento e confusão no cômputo final. O homem vai continuar enganando e subjugando outros homens. Basicamente, todo mundo existe na própria natureza do sofrimento, por isso insultar ou maltratar os outros é algo sem propósito. O fundamento de toda prática espiritual é o amor. Que você o pratique bem é meu único pedido. (LAMA, D. Path To Tranquility. New Delhi: Penguin Books India, 1998. Tradução livre da mensagem no dia 29 de Outubro)

De qualquer forma, usando alguma religião específica ou não, é fácil de confirmar que não haveria motivos para a discriminação por conta da etnia de alguém.

Sabemos que na prática, as coisas não são tão simples assim, e que participamos diariamente de atos discriminatórios inclusive entre uma religião e outra, porém o que queremos destacar é que independente da religião exercida, a matéria principal é o respeito e amor ao próximo; e não podemos desanimar mediante a ignorância de alguns.

## 2 RACISMO SOB A ÓTICA DA CIÊNCIA

Se formos levar em consideração a Ciência para determinar um real motivo para a discriminação das pessoas perante a alguma etnia, confirmaremos que não existe nada que comprove a diferença de raça entre os humanos.

Se fizermos um estudo entre várias pessoas, e encaminharmos as análises de sangue para um laboratório, em momento algum saberão confirmar de qual etnia são os sangues apresentados no estudo. É impossível determinar a cor da pele de uma pessoa pela análise de sangue, ou por um exame de Raio X, ou ainda por um ultrassom.

É importante ressaltar que temos o conhecimento de que algumas etnias possuem maior fragilidade por algumas doenças principalmente por conta do clima em que estão inseridas; porém em um simples exame não é possível determinar de qual etnia estamos tratando.

Silvio Almeida fala em seu livro *Racismo Estrutural* sobre a cientificidade das diferenças humanas:

DESDE 1980

A biologia e a física serviram como modelos explicativos da diversidade humana: nasce a ideia de que características biológicas – determinismo biológico – ou condições climáticas e/ou ambientais – determinismo geográfico – seriam capazes de explicar as diferenças morais, psicológicas e intelectuais entre as diferentes raças. Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreciam o surgimento de *comportamentos imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem *pouca inteligência*. (2019, pág. 29)

Para aprofundarmos um pouco mais essa questão científica, no anexo I apresentaremos a entrevista que fizemos com o Dr. Paulo Cesar Zimmermann Felchner, médico obstetra e professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) que prontamente nos ajudou a esclarecer este assunto sob a ótica da medicina. No arquivo é possível verificar as respostas dele às nossas questões ressaltando que biologicamente a cor da pele não determina uma diferenciação de raça e que sim, todos somos humanos.

## 3 RACISMO SOB A ÓTICA DA ANTROPOLOGIA

No campo da Antropologia, temos um pouco mais de trabalho a apresentar, pois entendemos que é este campo da ciência que fez a maior das distinções em relação ao nosso tema abordado.

Foi exatamente no início das civilizações que as pessoas passaram a se distinguir por questões de etnia ou cultura. Foi exatamente neste ponto que o assunto começou a ser tratado de forma a diferenciar uma pessoa das outras. Yuval retrata esse assunto em seu livro *Sapiens* conforme citado abaixo:

Criou uma hierarquia entre homens, que se beneficiavam dela, e mulheres, que ficaram desprovidas de autoridade. Criou uma hierarquia entre brancos, que desfrutavam de

liberdade, e negros e indígenas, considerados humanos de uma espécie inferior, não compartilhando assim dos direitos igualitários dos homens. Muitos dos que assinaram a Declaração da Independência eram senhores de escravos. Eles não libertaram escravos depois que assinaram a declaração nem se consideraram hipócritas. Em sua visão, os direitos dos homens pouco tinham a ver com os negros. (2020, págs. 184 e 185)

A Babilônia era a maior cidade do mundo em 1776 a.C. e seu famoso rei Hamurabi, nessa época, já dividia a população em hierarquias e, com isso, já informava o “valor” de cada pessoa conforme a sua classe. Os humanos desenvolveram ao longo de sua espécie, uma ordem imaginada, que beneficiou apenas os que se consideravam superiores da hierarquia para desfrutar de poder e privilégios, enquanto o restante da sociedade era discriminada e tratada como raça inferior. Todos esses episódios, sendo da Antiguidade até os dias atuais, relatam as dificuldades que a Raça Humana enfrentará ao longo dos próximos anos.

Outro grande exemplo da diferenciação entre as pessoas, determinadas pela mesma sociedade, são os Hindus, que são divididos em castas e de forma alguma alguém de uma casta inferior (segundo suas crenças) pode se relacionar com outra pessoa de uma casta superior. O estudo que fizemos para entender o processo de inclusão das castas foi que, há cerca de 3 mil anos, quando houve a invasão indo-ariana sobre a população local, os invasores eram em menor número, e, por isso, criaram a ideia das castas (onde os nativos foram incluídos na condição de criados e escravos e a população invasora ocupou as castas de sacerdotes e guerreiros), onde as castas inferiores seriam “sujas” do ponto de vista religioso; fazendo desta forma, com que as pessoas não se misturassem e com isso não permitisse que aumentasse o número de pessoas das castas inferiores, limitando dessa forma a ideia de que pudessem alterar a forma de ver a hierarquização da sociedade estabelecida.

Queremos reforçar que os dois exemplos citados acima referem-se apenas a discriminações no âmbito hierárquico. Normalmente a discriminação por conta da etnia ocorre mais na sociedade Americana Moderna.

Entre os séculos XVI e XVIII o mundo passou por uma enxurrada de informações distorcidas para justificar tudo o que ocorria naquela época. Biólogos afirmavam que os negros eram menos inteligentes do que os brancos e ainda existia a crença difundida por médicos de que os negros transmitiam doenças.

Inclusive durante algum tempo, foram realizados estudos de Frenologia (estudo dos crânios, onde se alegavam que a forma e protuberância indicavam as aptidões mentais de uma pessoa), para procurar a diferença no tamanho dos crânios entre brancos e negros, usando desse artifício para justificar a distinção das pessoas por sua cor da pele.

Um grande exemplo desse estudo no Brasil é o caso da Sociedade Anthropologica de Paris, fundada por Paul Broca em 1859. Ele era um craniologista e anatomista e ficou famoso por suas teorias poligenistas. Para Broca, através da análise do crânio, era possível comprovar a inferioridade física e mental de uma pessoa. Outra informação bastante relevante referente a este assunto, é o caso da hibridação humana, onde supostamente haveria uma esterilidade das “espécies

miscigenadas” – usando inclusive o exemplo da não fertilidade da mula e uma possível esterilidade do mulato.

Existia ainda um movimento chamado Eugenia, que visava nascimentos desejáveis e controlados, como uma forma de desencorajar uniões consideradas nocivas. Lembrando que essa percepção do que era ou não nocivo, era a visão da classe de elite de uma sociedade que acreditava na supremacia do homem branco.

Durante algum tempo, a ciência foi usada para dar provas de que os europeus eram superiores às outras raças e que, por isso, tinham o direito de governá-las. Essas teorias foram repassadas por gerações, justificando a conquista ocidental do mundo.

Lilia Moritz Schwarcz, em seu livro *O Espetáculo das Raças*, cita sobre de onde advém a definição de raça:

Com efeito, o termo raça é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre vários grupos humanos (Stocking, 1968:29). Esboçava-se um projeto marcado pela diferença de atitude entre o cronista do século XVI e o naturalista do século XIX, “a quem não cabia apenas narrar, como classificar, ordenar, organizar tudo o que se encontra pelo caminho” (Sussekind, 1990:45). (2021, pág. 63)

#### 4 RACISMO SOB A ÓTICA DA CIÊNCIA SOCIAL

Com base na Sociologia, podemos destacar que temos uma enorme discrepância social, que podemos dizer, sem sombra de dúvidas que, a forma como vemos a sociedade hoje como é, deriva de uma ação social prioritária, onde homens brancos sempre tiveram seus privilégios.

Yuval Noah Harari escreveu em seu livro *Sapiens – Uma breve história da Humanidade* (HARARI, Yuval Noah, Porto Alegre, RS: L&PM, 2020):

A maioria das pessoas afirma que sua hierarquia social é natural e justa, enquanto as de outras sociedades são baseadas em critérios falsos e ridículos. Os ocidentais modernos são ensinados a desprezar a ideia de hierarquia racial. Eles ficam chocados com as leis que proíbem os negros de viver em bairros de brancos, ou estudar em escolas de brancos, ou ser tratados em hospitais de brancos. Mas a hierarquia de ricos e pobres, que autoriza os ricos a viver em bairros distintos e mais luxuosos, estudar em escolas distintas e de mais prestígio e receber tratamento médico em instalações distintas e bem equipadas, parece perfeitamente sensata para muitos norte-americanos e europeus. Mas é um fato comprovado que a maior parte dos ricos são ricos pelo simples motivo de terem nascido em uma família rica, enquanto a maior parte dos pobres continuarão pobres no decorrer da vida simplesmente por terem nascido em uma família pobre. (2020, pág. 187)

Ainda na página 194 do mesmo livro, Yuval narra a diferença social desencadeada por esse ciclo de causa e efeito:

... depois de dois séculos de escravidão, a maioria das famílias negras era muito mais pobre e menos instruída do que a maioria das famílias brancas. Assim, um negro nascido no Alabama em 1865 tinha muito menos chance de obter boa educação e ter um emprego bem pago do que seus vizinhos brancos. Seus filhos, nascidos nas décadas de 1880 e 1890,

iniciaram a vida com a mesma desvantagem – eles também nasceram em uma família pobre e pouco instruída. (2020, pág. 194)

No livro *Racismo Estrutural*, Silvio Almeida aborda o colonialismo:

Assim, a classificação de seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania. (2019, pág. 28)  
... No século XX, parte da antropologia constituiu-se a partir do esforço de demonstrar a autonomia das culturas e a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos. A constatação é a de que não há nada na realidade natural que corresponda ao conceito de raça. Os eventos da Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista reforçaram o fato de que *a raça é um elemento essencialmente político*, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico. (2019, pág. 31)

## 5 RACISMO NO BRASIL

O racismo é uma questão social complexa e persistente que afeta muitos países, incluindo o Brasil. Embora seja proibido por lei, o racismo persiste na sociedade Brasileira e pode ser encontrado em várias formas, incluindo discriminação em empregos, educação, violência policial e preconceito pessoal.

A história do Brasil é marcada por séculos de escravidão e discriminação racial, o que deixou sua marca na sociedade Brasileira. Apesar dos avanços na luta contra o racismo, como a Abolição da Escravatura e a promulgação da lei que proíbe a discriminação racial, o racismo persiste e é amplamente denunciado em todo o país.

Uma das principais formas de racismo no Brasil é a discriminação econômica em que pessoas negras têm menos chances de obter emprego e recebem salários mais baixos que as pessoas brancas com igual qualificação. Além disso, a desigualdade educacional também é uma questão persistente, com muitas escolas públicas de comunidades negras recebendo recursos insuficientes e oferecendo educação de qualidade inferior.

Outra forma de racismo é a violência policial, em que pessoas negras são alvo de violência e abuso por parte da polícia. Estudos indicam que a população negra é muito mais propensa a ser vítima de violência policial do que a população branca.

Além disso, o preconceito pessoal é uma forma de racismo que afeta a vida cotidiana de muitas pessoas negras no Brasil. Isso inclui discriminação em ambientes de trabalho, acesso a bens e serviços, e relacionamentos interpessoais.

Em resumo, o racismo é uma questão complexa e persistente no Brasil que afeta a vida de muitas pessoas negras de várias maneiras. É importante continuar a lutar contra o racismo e promover a igualdade e a justiça para todos, independentemente da raça ou da cor da pele.

Com a lei do Ventre Livre, em 1871, o desmantelamento do escravismo e a construção de instituições assentes em uma igualdade política, a hierarquia social vai encontrar refúgio e apoio ideológico em um discurso racial. O Brasil, de 1870 a 1930, é assim, a um tempo, liberal e racista,

racismo de folhetim, sorvido de manuais e de autores de segunda categoria, e talvez por isso mesmo tão abrangente. Mas as mesmas teorias que servem a hierarquia interna condenam, por ser mestiço, o país ao fracasso nos jovens centros brasileiros de saber histórico, jurídico e médico, a ambição de se constituir uma nação viável será resgatada, através de acomodações *sui generis* das doutrinas racistas (Manuela Carneiro da Cunha, sobre capa do livro “O espetáculo das raças”, Lilia M. Schwarcz).

Jessé Souza, em seu livro *A ralé Brasileira* descreve um pouco sobre como a mídia determina o que é violência de modo a fazer com que a sociedade observe apenas o que querem que seja visto. Abaixo, um trecho do livro:

Por que chamar de “violência” apenas aquilo que a TV, os jornais e revistas, na sua busca frenética de manipular o medo público de modo sensacionalista como meio de angariar clientes e lucro, chamam de violência? Por que apenas a “violência espetacular” das perseguições, tiros e balas perdidas concentra a atenção e o foco de todos? Esse amesquinamento do olhar seletivo é o próprio fundamento da manutenção de uma ordem excludente e perversa que só pode se manter enquanto tal, de modo legítimo, se conseguir, precisamente, efeminizar, mitigar, diminuir os conflitos sociais de forma a torná-los circunscrito induzir parciais. Apenas essa miopia do olhar seletivo é que permite consolidar um debate público que recorrentemente transforma questões sociais em questões de polícia.

Essa cegueira não é inocente. Ao isolar o foco de toda a tensão na violência espetacular produzem-se todas as condições objetivas para a continuação da violência muda e silenciosa de várias dezenas de milhões de brasileiros, e, no limite, de toda a sociedade Brasileira cuja dinâmica é estruturada de fio a pavio por essa gigantesca desigualdade, invisível tanto política quanto analiticamente. (2020, págs. 110 e 111)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há quem diga que o poder de fala não nos permite trabalhar sobre o racismo, pois nunca sentiremos na pele algo sobre o qual estamos relatando. Porém, atestamos em dizer que justamente por estarmos do lado contrário, afinal de contas somos homem e mulher, ambos brancos com os nossos privilégios, conseguimos dar um pouco mais de força a este movimento tão importante.

Durante algum tempo, a ciência foi usada para dar provas de que os europeus eram superiores às outras raças e que, por isso, tinham o direito de governá-las. Essas teorias foram repassadas por gerações, justificando a conquista ocidental do mundo.

O cientificismo do racismo caiu por terra no final do século XX, mas apesar de conseguirmos comprovar cientificamente que a diferenciação por raças não deveria existir, o racismo foi substituído por uma cultura. Uma crença tão forte de que determinada etnia é superior que há uma guerra entre ambas.

E é esta mesma ciência que estamos apontando para desmistificar o racismo e garantir que todos temos a mesma raça – todos somos humanos.

## REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai – A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2021

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições, e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020

